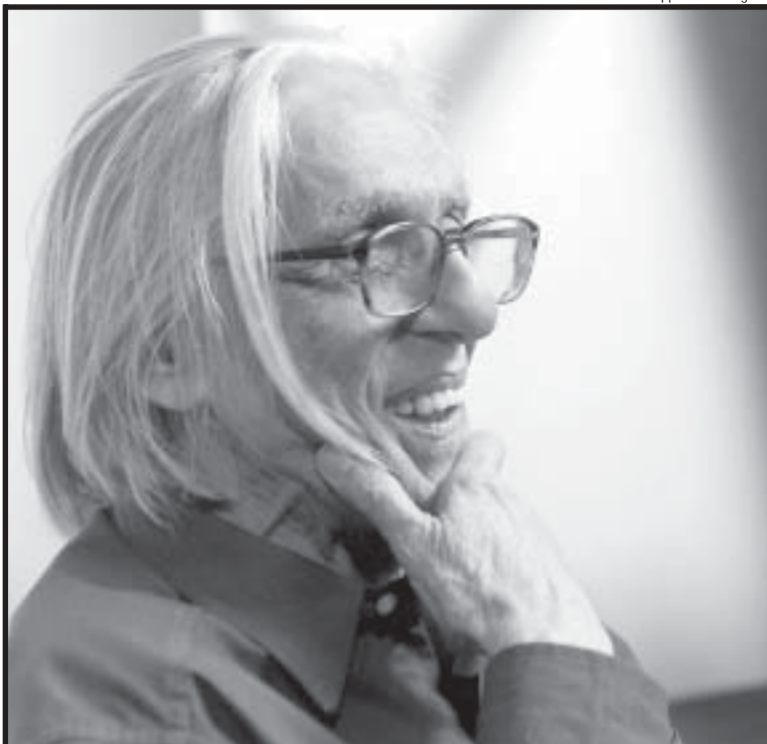


Foto: Eduardo Knapp/Folha Imagem



O poeta Ferreira Gullar: "Muitos intelectuais ficaram com o pincel na mão"



O sociólogo Ricardo Antunes: "O intelectual em geral é uma abstração"

ÁLVARO KASSAB
EUSTAQUIO GOMES

"O intelectual em geral é uma abstração". A frase do sociólogo Ricardo Antunes soa como constatação, mas guarda nas internas uma provocação inerente a um pensador de esquerda ao qual dificilmente se poderá aplicar a pecha de "intelectual silencioso". Antunes, co-fundador do partido que hoje está no governo, foi um dos primeiros a pedir seu desligamento quando as discordâncias ultrapassaram a questão puramente política e entraram no campo da matriz ideológica.

Para pontuar o tema do "silêncio dos intelectuais", cuja raiz semântica foi violentamente alterada pela crise atual, o *Jornal da Unicamp* ouviu outros três nomes de peso nesta matéria sobre o papel do intelectual em tempos de crise: Ferreira Gullar, considerado por muitos o maior poeta brasileiro vivo, intelectual cuja trajetória – do CPC à resistência ao governo militar, passando pela crítica e pelo jornalismo – dispensa comentários; o sociólogo Helio Jaguaribe, fundador e presidente do Iseb, instituto que formulou políticas públicas seminais nos anos 50 e 60; e o filósofo Roberto Romano, um dos intérpretes mais requisitados da cena brasileira contemporânea. Nesta e nas próximas duas páginas, Romano, Gullar, Jaguaribe e Antunes analisam os rumos da crise política e a reação (ou o silêncio) de setores da intelectualidade diante dela.



O sociólogo Helio Jaguaribe: "O intelectual precisa discutir a crise"



O filósofo Roberto Romano: "Os intelectuais do PT aceitaram limites"

CRISE

Entre o alarido e o silêncio

Jornal da Unicamp – **A atual crise política busca atores também entre os que silenciaram, sobretudo entre os intelectuais de esquerda. E como as grandes crises parecem ter o poder de alterar a semântica, um seminário programado antes de sua eclosão, o já emblemático "O silêncio dos intelectuais", cujo sentido era mais filosófico que outra coisa, passou a ter seu sentido atualizado e ganhou um viés político. Os intelectuais de fato silenciaram diante da crise?**

Ferreira Gullar – Eu não silencieei. Talvez a maior parte da intelectualidade tenha apoiado Lula. Essa grande parte já era petista ou apoiava o PT. Nas eleições de 2002, a grande maioria da intelectualidade endossou a candidatura Lula, até com certo grau de intolerância. Eles consideravam, por exemplo, que quem não apoiava Lula tinha se bandeado para o conformismo, para a direita, e outras coisas desse tipo. Eu não votei em Lula e também estava pouco ligando para esse tipo de crítica. Intelectuais que adotaram essa posição ficaram com o pincel na mão... Daí a dificuldade de se manifestar.

Agora, inclusive, buscaram um caminho para dizer que quem está contente com a derrota do Lula é a direita. Essa postura incute um grau de má-fé nas pessoas que se escandalizaram e que agora criticam o PT e Lula por tudo o que aconteceu. Mesmo não tendo votado em Lula, jamais imaginei que o seu governo fosse desembocar num escândalo dessa natureza; jamais imaginei que dentro do PT houvesse corrupção no nível que foi revelado. Isso é uma surpresa que deixou muita gente estupefata. Por outro lado, acho que é uma atitude de grande má-fé dizer que as pessoas que estão constatan-

do isso estão felizes e são de direita.

Helio Jaguaribe – Alguns, sim; outros, não. Nesse momento de crise, surge a diferença entre o intelectual que está comprometido com um conjunto de idéias e de projetos, e do intelectual que, em função de idéias e de projetos, está comprometido com o partido. Na medida em que o intelectual sacrifica o seu compromisso de idéias e de projetos a seu compromisso com o partido, quando este partido entra em crise – sem poder defendê-lo –, ele fica silencioso. Nessa mesma medida, isso mostra como é intelectualmente ilícito o compromisso com o partido que supere o compromisso com idéias e projetos. O intelectual tem que ser permanentemente um dialogador com o mundo e com as circunstâncias.

Não quero personificar, mas a Marilena Chaui assumiu para ela a posição emblemática do silêncio por compromisso partidário. Eu considero isso lamentável. Trata-se de uma mulher de grande qualidade, muito inteligente, não era para fazer isso. Ela devia dizer: "meus senhores, os ideais que motivaram a criação do PT, que era a idéia de um partido ao mesmo tempo ético e ao mesmo tempo decidido a grandes reformas sociais, são permanentes. O fato de que uma certa clique dirigente do PT tenha naufragado no oportunismo e na concussão, não significa que esses ideais desapareceram. Vamos refazê-los com o que resta de honesto no PT e com outros elementos na sociedade".

Ricardo Antunes – Essa crise permite descortinar o enorme leque de alternativas existentes dentro do campo dos chamados intelectuais de esquerda: do silêncio real, dado pela dúvida autêntica, ao silêncio tático,

mais perigoso. Isso porque, para muitos intelectuais que atuaram ou ainda atuam no PT, as mutações foram tão intensas que houve um primeiro momento de paralisia, estupefação, desencanto etc. Mas houve também aqueles que preferiram silenciar, mesmo quando as evidências se impuseram.

De minha parte (como também de vários outros que têm assumido publicamente uma clara atuação crítica) mesmo tendo sido filiado ao PT por mais de vinte anos, nunca condicionei minha capacidade de refletir criticamente frente à política petista e seus descaminhos, quando eles ocorriam. Meus compromissos, nos embates políticos, procuro mantê-los combinando coerência e crítica; na universidade, o compromisso é com o conhecimento e a ciência de talhe crítico e, sobretudo, procurando ter a consciência de que os interesses fundamentais da sociedade encontram-se no universo do trabalho, na humanidade que trabalha. É dentro destes marcos que procuramos pautar nossa reflexão e atuação.

Roberto Romano – "Não são aplausos que faltam aos intelectuais, mas sim votos aos partidos que eles apóiam (...) uma coisa é formar o discurso político, outra é ter poder sobre a vida pública" (Gerard Lebrun, *Quem tem medo dos intelectuais?*). Catarina 2ª irritou-se com Diderot que lhe exigia reformas liberais na Rússia. "Meu amigo, o filósofo pode muito porque escreve no papel que tudo aceita, sem reclamar. Nós, pobres governantes, escrevemos em material cheio de cócegas e irritadiço, a pele dos homens, o que torna o nosso trabalho lento e difícil". Schumpeter dizia que os intelectuais como porta-vozes da opinião pública, seja qual for o seu ofí-

cio (advogado, médico, professor etc) podem tratar de qualquer assunto. Com a suposição perene de serem mais conscientes do que o governante e o povo reunidos, eles nunca sossegam. Se faz isso, desce ao nível de propagandista. Paul Benichou publicou dois livros sugestivos sobre o nosso tema: *A Sagrada do Escritor* e *O Tempo dos Profetas*. Entre o sacerdócio da humanidade e os anúncios das graças ou desgraças, o coletivo dos intelectuais seguiu uma via melancólica no mundo moderno.

É comum indicar Sartre ou Bertrand Russell, Marcuse ou Mauriac, Malraux e outros, para descrever o ofício de "grilo falante" dos que defendem "as grandes causas". Mas poucos viveram as angústias de Sartre, dividido entre a apologia da URSS e a busca de uma liberdade rarefeita. Após a II Guerra Mundial, muitos intelectuais em vez de exercitarem a crítica, aceitaram viseiras (políticas, religiosas, econômicas) tentando, por sua vez, colocar as mesmas viseiras no público. Imaginar "bons" escritores em luta contra "bandidos" (na direita ou esquerda) é lenda que não deixa entender o "reino animal do espírito" nomeado por Hegel à "comunidade" dos intelectuais.

No Brasil de agora os intelectuais que parolavam sobre transparência, ética, serviço ao povo, acusavam os crimes efetivos ou supostos do neoliberalismo, emudeceram. No caso do PT, as bases militantes acusam a direção partidária de todos os males, escondendo de si mesmas o fato de que os dirigentes não agiriam com desenvoltura se tivessem recebido críticas cotidianas. Esta seria a função dos intelectuais. Mas devido à misologia petista, ser intelectual no partido é ser leproso. Bom intelectu-

al, durante os anos de existência petista, assumia o falar errado ("menas", "para mim fazer" etc) o que tornou o analfabetismo uma virtude. Além dos erros gramaticais, a subserviência teórica: bom intelectual é o que recolhe as ordens dos superiores e as justifica para o público. Spinoza dizia ignorar limites para o exercício de seu pensamento.

Os intelectuais do PT aceitaram limites. Caso contrário, seriam cobertos de epítetos gentis ("burguês", é o mais delicado) e censuras. As mesmas bases, inimigas da crítica e dos intelectuais, apupam as direções. Os acadêmicos que dobraram espinhas e línguas, usam truques ardilosos para escapar da crítica. E fingem não ler notícias. Eles falam demais porque, citando Lebrun, "a crítica das instituições e privilégios sempre terá mais atrativo do que a banal apologia da ordem estabelecida". Seu vício e anabolizante encontravam-se na denúncia. Como não podem mais denunciar, desmascarar, humilhar, destruir os inimigos de seu partido e devem preservar, blindar, adular a sua grei, eles precisaram de um tempo para adaptações. Sua má sorte é que, antes de inventarem um vocabulário novo (a "novilingüa" para recordar Orwell), caíram as máscaras da virtude que enfeitavam a face luzidia da "companheirada" e apareceu uma carantonha do poder sem peias. Falar o que, então? "O que não se pode falar, deve-se calar"... Mas calma: eles não resistem ao palavrório. Breve estarão nos jornais que fingem abominar e terão acolhida triunfal nas redações, onde os aguardam muitos "companheiros".

(Continua nas páginas 6 e 7)